

**O silenciamento da Deusa Asherah:  
processo de monolatrização do Antigo Israel**

The silence of the Goddess Asherah:  
monolatritization process in the Ancient Israel

*Claudete Beise Ulrich<sup>1</sup>  
Amanda Binda Theotonio<sup>2</sup>*

**Resumo**

O presente artigo trata do silenciamento da Deusa Asherah como consequência do processo da monolatrização do antigo Israel. O culto à Deusa era ligado à natureza e à fertilidade, elementos estes inerentes ao cotidiano e vida cúlrica das mulheres. O texto apresenta os diferentes processos históricos da invenção de um só Deus (monoteísmo), recupera algumas características da Deusa em textos bíblicos, achados arqueológicos e aponta, a partir da Teologia Feminista, para a recuperação da divindade feminina. Reafirma o papel de liderança das mulheres na constituição das tradições religiosas, objetivando a superação das violências e a urgente necessidade de uma religação de cuidado com a natureza.

**Palavras-Chave:** Deusa Asherah; silenciamento; monolatrização; Israel Antigo; teologia feminista.

**Abstract**

This article deals with the silencing of the Goddess Asherah as a consequence of the monolatritization process in the ancient Israel. The cult of the Goddess was linked to nature and fertility, elements inherent in the daily lives of women. The text presents the different historical processes of the invention of a single God (monotheism), recovers some characteristics of the Goddess in biblical texts, archaeological finds and points, from Feminist Theology, to the recovery of the female divinity. It reaffirms the leadership role of women in the constitution of religious traditions, aiming at overcoming violence and the urgent need for a reconnection of care with nature.

**Keywords:** Goddess Asherah; silencing; monolatritization; Ancient Israel; feminist theology.

---

<sup>1</sup> Doutora em Teologia. Professora do Programa de Pós-graduação da Faculdade Unida de Vitória. Coordenadora do Grupo de pesquisa Religião, Gênero, Violências: Direitos Humanos (FUV/CNPq). E-mail: claudete@fuv.edu.br. Orcid – [https:// 0000-0002-9830-3768](https://orcid.org/0000-0002-9830-3768)

<sup>2</sup> Mestranda do Curso Mestrado Profissional em Ciências das Religiões da Faculdade Unida de Vitória, Espírito Santo. E-mail: [amandabindatheotonio@gmail.com](mailto:amandabindatheotonio@gmail.com). Orcid - <https://orcid.org/0000-0002-4799-0369>

## **Introdução**

A partir da leitura de textos bíblicos do Antigo Testamento e de achados arqueológicos, especialmente no sítio Kuntillet Ajrud, é possível perceber que os israelitas não foram monoteístas desde sua origem, mas que cultuavam outras divindades. Isto significa que o antigo Israel era politeísta. O monoteísmo, portanto, é uma construção no desenvolvimento histórico deste povo (REIMER, 2009, p. 39). Neste sentido, o presente artigo objetiva refletir sobre o processo de monolatrização do antigo Israel e como consequência o silenciamento em parte da Deusa Asherah<sup>3</sup>. O historiador Le Goff (2003), afirma que “os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva” (LE GOFF, 2003, p. 422). Roger Bastide afirma que “o modo de vida das populações muda ao longo do tempo e, com as transformações econômicas, novas formas de religião vêm à luz” (BASTIDE, 2006, p. 114). Portanto, refletir sobre o silenciamento da Deusa Asherah significa refletir sobre mutações religiosas, que também estão ligadas com mudanças no modo de produção de uma determinada sociedade (BASTIDE, 2006 p. 113-114).

A construção do monoteísmo acentuou o culto ao Deus masculino e desta forma também, o fortalecimento do patriarcado hierárquico. O biblista Haroldo Reimer identifica o século V a.C. com um momento histórico, em que Yahweh vai se constituindo como Deus único de Israel (REIMER, 2006, p. 115).

A recuperação da Deusa Asherah aponta para a diversidade religiosa desde a Antiguidade. Além do mais, a reflexão sobre Ela pode fortalecer o protagonismo das mulheres em suas comunidades, assegurando, por exemplo, o seu direito à fala, a luta pela ordenação nos diferentes ministérios em suas comunidades religiosas e o enfrentamento à violência contra as mulheres.

A memória coletiva de tudo o que foi reprimido, silenciado e esquecido poderia indicar um caminho para a cura de uma sociedade dualista, hierárquica

---

<sup>3</sup> Esta expressão também aparece na literatura como: Aserá. Cf. RÖMER, Thomas. *A origem de Javé: o Deus de Israel e seu nome*. São Paulo: Paulus, 2016. p. 166.

e violenta, fortalecida pela imagem e os discursos religiosos que afirmam um Deus masculino, poderoso, violento e distante da vida cotidiana. Uma transformação nas relações de gênero não irá acontecer sem mudanças de paradigmas no atual sistema simbólico religioso cristão.

O presente texto fundamenta-se em pesquisas bibliográficas, recupera algumas características da Deusa em textos bíblicos, estudos dos achados arqueológicos e aponta, a partir da Teologia Feminista da Libertação, para a importância da recuperação da divindade feminina. O artigo está dividido em quatro partes, iniciando com o processo de monolatria em Israel e o silenciamento da Deusa Asherah.

A pesquisa tem demonstrado que “o Deus Yahweh fazia parte de um contexto politeísta onde havia um panteão de Deuses e Deusas, sendo que provavelmente foi adorado ao lado de sua consorte, Asherah” (CORDEIRO, 2007, p. 1-2). A segunda parte procura apresentar a Deusa Asherah, principalmente, a partir de textos bíblicos do Antigo Testamento. O terceiro momento aponta para a Deusa nos achados da arqueologia e a quarta e última parte, indica para aspectos importantes da recuperação da Deusa, a partir da Teologia Feminista da Libertação, afirmando o protagonismo das mulheres e das divindades femininas. Além do mais, Asherah, a Deusa-árvore, aponta para a importância da religião do ser humano com a natureza e a relação de cuidado para com ela.

## **1. O processo de monolatrização do Antigo Israel e o silenciamento da Deusa Asherah**

Segundo Anete Roese (2010), uma pesquisa minuciosa e crítica dos textos sagrados do Antigo Testamento da tradição judaica revelam os embates violentos que se deram em torno do estabelecimento da religião do Deus único (YHWH<sup>4</sup>, Javé) a partir de 1300 antes da Era Cristã, na região da Palestina. Os conflitos são

---

<sup>4</sup> Esta expressão também aparece na literatura como: Yhwh, YHWH, Javé, Yahweh ou Iahveh.

relatados em vários textos bíblicos. A construção da monolatria não foi sem violência e sem protesto das pessoas que praticavam o culto a outros Deuses e Deusas, como a Deusa Asherah (ROESE, 2010, p. 178).

O culto a uma divindade está estreitamente vinculado a uma cultura específica e as necessidades particulares do cotidiano da vida de um povo. A biblista Silvia Schroer (2008) aponta para o desenvolvimento histórico de Israel. Segundo suas pesquisas,

Desde a Idade do Bronze Médio (primeira metade do segundo milênio a.C. pode ser comprovada na Palestina uma forte adoração de Deusas. A Deusa está ligada a cultos de árvores e ramos, bem como a animais caprinos. Como Deusa popular, próxima do povo, erótica e amável, ela era responsável pelo crescimento e pela fertilidade da flora e fauna e das pessoas. (SCHROER, 2008, p. 150).

Rosemary R. Ruether (1993) afirma que agricultura foi perdendo o seu lugar nas sociedades pastoris nômades, fortalecendo uma imagem masculina de Deus.

é possível que as origens sociais do monoteísmo masculino residam nas sociedades pastoris nomádicas. Essas culturas careciam do papel feminino de horticultura e tendiam a imaginar Deus como Pai do Céu. As religiões nomádicas se caracterizavam por um exclusivismo e um relacionamento agressivo e hostil com os agricultores da terra e suas religiões. (RUETHER, 1993, p. 50-51).

O que se pode afirmar, portanto, é que a imposição de um Deus único aconteceu a partir de relações de conflito e que este não foi um processo pacífico, estando ligado ao desenvolvimento histórico produtivo do antigo Israel. Neste sentido que Mario Liverani (2008), aponta em suas pesquisas que a primeira menção à Israel foi feita na estela de Merenptah, essa estela celebra o triunfo de faraó em sua campanha através da Palestina. A população agropastoril, durante o período do Ferro se estabeleceu nos altiplanos, formando pequenas vilas e constituindo a nova sociedade. A população fixada nessas vilas é denominada como proto-israelita. De acordo com Liverani

O nome Israel aparece desde o fim do século XIII (estelas de Merenptah), como referência justamente a esse novo conjunto étnico então já em formação e identificável como tal (LIVERANI, 2008, p. 81).

Essa nova sociedade não é totalmente homogênea, possui continuidade com a cultura cananéia do Bronze. A definição do horizonte das vilas do Ferro I nos planaltos centrais como ‘proto-israelita’ quer indicar precisamente um processo em ato, que não se cristalizou ainda numa autoconsciência étnica plena, mas estabelece as bases para o que virá (LIVERANI, 2008, p. 88). A formação do antigo Israel é um longo processo histórico, sendo que ele passou por diferentes processos migratórios, encontros de culturas, religiões, formas diferentes de produção, mas também de guerras, exílios, destruição de altares e silenciamento de Deuses e Deusas. Em sua origem, a formação religiosa do antigo Israel era politeísta. A imposição do monoteísmo aconteceu ao longo do seu processo histórico.

Neste sentido, Reimer (2009), sistematiza em cinco fases, os momentos históricos importantes do processo de desenvolvimento do monoteísmo.<sup>5</sup> Ele afirma que a “história de Israel é também a história de sua religião e se desenvolve sempre dentro do seu contexto histórico, político e social maior” (REIMER, 2009, p. 39). A primeira fase, segundo o autor, localiza-se no início da história do Israel, “surgido em meio à diversidade dos grupos étnicos de Canaã, com aportes de grupos seminômades provenientes de ondas migratórias, deve-se trabalhar com a hipótese de sincretismo inclusivo e harmonização entre El e YHWH” (REIMER, 2009, p. 40). Essa assimilação entre El e Yahweh foi realizada por povos que constituíam Israel desde sua origem, ou seja, os primeiros grupos. Posteriormente, foi assumida no período monárquico nos tempos de Davi e Salomão. “Outros elementos da representação religiosa Cananéia ou jebusita [...]

---

<sup>5</sup> Reconhece-se que há outras correntes teóricas sobre o desenvolvimento do monoteísmo em Israel. No entanto, não se busca neste artigo uma discussão das teorias, mas sim, pistas para entender o processo da passagem de um cultura religiosa politeísta para monoteísta, tendo como consequência o silenciamento da Deusa Asherah. Neste sentido, optou-se pela sistematização em fases sobre o Antigo Israel em suas origens, realizada pelo pesquisador biblista Haroldo Reimer

são agregadas à representação de YHWH, como, por exemplo, a ideia do deus-rei, exposta muitas vezes nos salmos” (REIMER, 2009, p. 41).

A segunda fase na formação do monoteísmo de Israel, segundo Reimer (2009), se localiza, provavelmente, no século IX a C., onde se desenvolvem uma série de conflitos com a divindade Baal.

No mundo religioso cananeu-israelita deste período, o Deus Baal, filho de El, assumiu a primazia no panteão divino [...] Baal é o deus do raio, responsável pela chuva e, assim, pela fertilidade do solo e também dos ventres” (REIMER, 2009, p. 41).

Nesse período, sob o governo de Acabe e Jezabel, há uma baalização do culto javista. A historiografia deuteronomista situa nesse período, as críticas dos profetas Elias e Eliseu contra a política de expansão e comércio do estado, apoiada pelo deus da fertilidade. “O próprio nome de Elias parece ser um programa religioso: “meu Deus [El] é YHWH” (1 Reis 19: 10;14)” (REIMER, 2009, p. 42).

Uma terceira fase, na história da religião de Israel, poderia ser caracterizada, segundo o autor citado, por uma ênfase na adoração exclusiva ao Deus Iahweh. Um dos personagens centrais dessa fase é o profeta Oséias, que enfatiza a constituição de ideias monolátricas e monoteístas no Antigo Israel. Sua atuação situa-se no século VIII a.C., entre os anos de 736 e 722, no Reino do Norte. Ele denuncia a idolatria a outros Deuses e a prostituição<sup>6</sup> de Israel (Oseias 2,4-15). O garantidor e doador da produção agrícola e bem-estar na terra é Iahweh (Oseias 2,7) e não Baal.

Nesta terceira fase, também pode ser indicada a reforma de Ezequias (2 Reis 18:4), a qual aponta para remoção dos lugares altos e a quebra das colunas. Ele “fez em pedaços a serpente de bronze, chamada Neustã (nehushtan), a qual até aquele momento estava no templo de Jerusalém para adoração pública”

---

<sup>6</sup> Para o autor, Israel se prostituía quando adorava e prestava culto a outros deuses que não fosse o deus Iahweh.

(REIMER, 2009, p. 43). Este culto vai sendo incorporado ao culto de Yahveh no templo, em Jerusalém.

Reimer (2009), também lembra que pesquisas recentes buscam relacionar o ‘Código da Aliança’ (Êxodo 20,22-23,29) com a reforma de Ezequias, no final do século VIII a.C., buscando, assim, afirmar sua base legal.

É sintomático que este código de leis apresenta o seu centro teológico no culto exclusivo a YHWH, em detrimento de qualquer outra divindade (REIMER, 2009, p. 45).

Outra questão fundamental a ser lembrada é que: “O Decálogo pertence à época pré-exílica tardia. Ele é um produto da época entre Oseias e o Deuteronômio; historicamente falando: entre a destruição do Reino do Norte e Josias” (CRÜSEMANN apud REIMER, 2009, p. 46). A partir do que foi refletido, segundo Reimer (2009), “a ênfase no ‘primeiro mandamento’, isto é, na adoração exclusiva a YHWH é uma ênfase religiosa a partir do século VIII a.C. [...] é o momento histórico do acirramento da exigência monolátrica do culto a YHWH somente” (REIMER, 2009, p. 45).

Uma quarta fase, de acordo com o autor em referência, remete a um período de forte dominação assíria. Após o reinado e a reforma de Ezequias, reinou em Judá, Manassés (687 a 642 a. C.). Nesse período, as práticas religiosas que Ezequias havia eliminado foram novamente implantadas pelo rei Manassés, “de forma que o processo de monoteização deve ter sofrido um retrocesso” (REIMER, 2009, p. 46). O biblista Thomas Römer (2016), aponta para as faltas de Manassés, em relação às leis importantes do Deuteronômio e com isto se dá a abertura para as reformas do rei Josias.

Tendo reintroduzido práticas assírias no templo, assim como o culto de Aserá. A longa enumeração das faltas de Manassés em 2 Rs 21,1-9 e 16-18, transgredindo todas as leis importantes do Deuteronômio, abre, na mente dos redatores dos livros dos Reis, a via para a reforma de Josias (RÖMER, 2016, p. 184).

Reimer (2009), também diz que o ‘Código Deuteronômico’ deve ter servido de base legal para a reforma de Josias (REIMER, 2009, p. 46). Josias então,

inaugurou uma campanha para erradicar qualquer vestígio de culto estrangeiro ou sincretista, incluindo os lugares altos nas zonas rurais (FINKELSTEIN; SILBERMAN, 2018, p. 280). A reforma também foi estendida para o norte, pelo menos como apresentada em 2 Rs 23,15-20. Uma extensão a todo o Israel parece acréscimo posterior (LIVERANI, 2008. p. 225).

As informações contidas em 2 Reis 22-23 deixam claro que o conjunto de medidas da reforma visavam fortalecer a adoração exclusiva à Yahweh, e esta, por sua vez, exclusivamente em Jerusalém. Segundo Reimer (2009),

Do santuário central de Jerusalém, teriam sido retirados utensílios e artefatos cúlticos utilizados para o culto a Baal, a Asherah e ao Exército do céu; sacerdotes dos “altos” foram depostos, a estaca sagrada (hebraico: asherah) foi destruída, cabanas, nas quais mulheres teciam véus para Asherah, foram demolidas, etc. Também os santuários do interior foram desautorizados e desmantelados. Houve, assim, claramente uma concentração do culto a YHWH em Jerusalém. A exigência da adoração exclusiva a YHWH passa ainda mais fortemente a ser implementada com a força do aparato estatal, considerando-se que o santuário central, assim como os santuários em geral, estava inserido na estrutura do estado monárquico. (REIMER, 2009, p. 46).

Cordeiro (2007), diz que as reformas religiosas estavam carregadas de intolerância religiosa “proibindo qualquer tipo de imagens de divindades, mesmo que de Yahweh. Esta fase teria repercutido imensamente no culto à Deusa Asherah, consorte de Yahweh” (CORDEIRO, 2007, p. 5). Segundo Monika Ottermann (2005),

Aserá, na maioria do tempo venerada sob o corpo de uma árvore, era, inicialmente, a parceira de YAHWEH, mas com o crescente desenvolvimento do jvismo como religião de um deus masculino, transcendente e único, ela foi taxada como sua maior rival e inimiga (OTTERMANN, 2005, p. 48).

Com o fortalecimento de um só Deus, a Deusa Asherah, inicialmente, consorte de Yahweh, foi considerada rival e inimiga, e assim silenciada e ocultada. No entanto, mesmo que Josias tenha buscado erradicar o culto aos Deuses e Deusas estrangeiras, sua reforma não foi tão eficaz como mostram os



achados arqueológicos. Ele não conseguiu impedir totalmente a veneração das imagens esculpidas. Uma vez que foram encontradas estatuetas em todos os principais sítios de Judá, do final do século VII de uma mulher segurando os seios com as mãos, normalmente essas estatuetas são associadas à Deusa Asherah (FINKELSTEIN; SILBERMAN, 2018, p. 292).

A quinta e última fase, apresentada por Reimer (2009), é a legitimação de todo esse processo<sup>7</sup> conhecida como monoteísmo absoluto ou clássico. Nessa fase, Iahweh é o único deus adorado e não existe competição com outros deuses. “A convicção monoteísta é colocada na boca do profeta Dêutero-Isaiás, cuja atuação em geral é situada junto aos exilados na Babilônia” (REIMER, 2009, p. 48). Em Isaiás 45.5, encontra-se a seguinte afirmação: “Eu sou Iahweh, e não há nenhum outro, fora de mim não há Deus” (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002).

O período do exílio babilônico do povo de Israel foi extremamente importante para a fixação de Iahweh como o único Deus. Nesse período, afirmou-se o poder criacional de Iahweh sobre o deus babilônico Marduc. Reimer (2009), entretanto, afirma que

O monoteísmo absoluto, excludente ou clássico firmou-se em Israel de modo mais contundente no período do pós-exílio, com o retorno de parcelas da antiga elite sacerdotal exilada na Babilônia, designada de *golah*. O pós-exílio é o tempo em que, no antigo Israel, acontecem as formulações decisivas das tradições e dos textos referenciais e sagrados da história religiosa do povo hebreu. É neste período que deve ser localizada a formatação decisiva do Pentateuco ou da Torá. As projeções dominantes neste período tornam-se marcantes para todos os outros períodos posteriores” (REIMER, 2009, p. 49).

É no pós-exílio que se firma o culto ao Deus único Iahweh, manejado por sacerdotes masculinos no templo em Jerusalém. Este fato significou também a

---

<sup>7</sup> Römer (2016, p. 52) em sua pesquisa apontou somente para alguns momentos constitutivos do processo de formação do ideário monoteísta [...]. É importante, contudo, perceber que todo este processo deve ser entendido dentro das coordenadas de um longo desenvolvimento histórico e dentro da dinâmica de um sincretismo religioso, no qual atribuições e funções de determinada divindade são transferidas a outra no mesmo compasso em que, na base social, isto é, junto aos sujeitos religiosos, há um processo de amalgamação e inculturação das expressões e representações religiosas.

eliminação de outras divindades e entre estas o apagamento da memória da Deusa Asherah. Römer (2016), diz que, apesar da crítica dos redatores bíblicos em relação aos reis que teriam favorecido a veneração de Aserá, não há dúvida de que, até o fim do século VII antes de nossa era, esse culto desempenhava um papel importante (RÖMER, 2016, p. 166).

Oswaldo Luiz Ribeiro (2015), reflete sobre a narrativa bíblica de Zacarias 5.5-11, onde há o relato de que Asherah seria levada para a Babilônia por duas sacerdotisas aladas e na terra da Babilônia seria feito um templo para a Deusa, onde ela seria colocada em um pedestal. A cena, portanto, descreve a saída da Asherah de Jerusalém e sua instalação no templo babilônico, para Ribeiro (2015), esse acontecimento é pós-exílico.

Se o culto da deusa está saindo de Israel, indo embora, é natural imaginar, como faço, que, nessas mulheres com asas, que levam a deusa embora, está a representação das oficiantes do culto da deusa, mulheres hierofantes da deusa, intermediadoras dela. [...] A representação de mulheres com asas de cegonha dificilmente passaria em branco. Além disso, como direi, a cena me parece montada à luz da descrição “ezequieliana” da saída da glória de Yahweh (RIBEIRO, 2015, p. 244).

Ribeiro (2015), conclui dizendo que a Asherah não saiu por sua vontade do templo, mas foi expulsa, para a glória de Iahweh. “Diz-se que ela sai, mas não sai por conta própria. Ela é convidada a sair, e então sai. A visão traduz, a meu ver, os processos de interdição da deusa e, ao lado deles, e por conta deles, os processos de interdição da intermediação feminina ao sagrado” (RIBEIRO, 2015, p. 245). Ana Luisa Alves Cordeiro (2007), identifica junto com o desenvolvimento do processo de monolatrização a construção de um estado patriarcal, onde Yahweh se torna uma poderosa representação masculina do sagrado.

Justificando a dominação masculina, tanto no âmbito social, econômico, político, como religioso. A religião oficial israelita absorve então uma identidade somente masculina, onde o feminino passa a ser relegado ao espaço particular das mulheres (CORDEIRO, 2007, p. 12).

Reimer (2008), resume a formação do monoteísmo do Antigo Israel em três pontos: 1. Somente Iahweh é Deus; 2. O culto deve ser anicônico (sem ídolos), e 3. Fé em Deus e ética no cotidiano, regradas em leis e mandamentos (REIMER, 2008, p. 72-74).

Não há dúvida que as divindades femininas eram adoradas e faziam parte da vida das famílias, de homens, mulheres, crianças, jovens e pessoas idosas.<sup>8</sup> A afirmação de um só Deus (invenção do monoteísmo) significou silenciar a memória, a partir de um processo de demonização e diabolização das Deusas e Deuses. Portanto, antes da ascensão do monoteísmo, havia um contexto politeísta, um panteão de divindades. A seguir, busca-se recuperar elementos que caracterizam a Deusa Asherah.

## **2. Asherah: a Deusa-árvore**

Um dos cultos banidos e demonizados com a instauração do monoteísmo foi o culto à Deusa Asherah. Quem era a Deusa Asherah? Para Cordeiro (2011), “não há um consenso entre teólogas, teólogos e arqueólogas e arqueólogos de que Asherah seja uma Deusa nem de que tenha sido adorada ao lado de Javé” (CORDEIRO, 2011, p. 35). Essa opinião se deve ao fato da confusão quanto ao nome “Asherah”, “asherim”, “asheroth” e a forma alterada “Ashtoreth/Ashtaroth” e a ambiguidade em que esses termos são utilizados (CORDEIRO, 2011, p. 35). Porém Albertz (1999), diz que

a palavra 'aserá, além de representar um símbolo usado pelo Antigo Testamento, refere-se à deusa de mesmo nome, Astarte [...] que já aparece nos textos de Ugarit [...] e que é considerada como << mãe dos deuses >> e esposa do deus El<sup>9</sup> (ALBERTZ, 1999, p. 159-160).

---

<sup>8</sup> Cf. a Tese de Doutorado de OTTERMAN, Monika. *As brigas divinas de Inana - Reconstrução feminista de repressão e resistência em torno de uma Deusa suméria*. São Bernardo do Campo: Faculdade Metodista, 2007.

<sup>9</sup> Texto original: la palabra 'aserá, aparte de representar un símbolo empleado por el Antiguo Testamento, hace referencia a la diosa homónima, Astarté [...] que aparece ya em los texyos de Ugarit [...] y que se considera como << madre de los dioses>> y esposa del dios El.

Römer (2016), por sua vez, diz que a Asherah era cultuada e associada a Yahweh. Mas “também era venerada independentemente dele, sobretudo pelas mulheres, enquanto rainha do céu. É somente sob o reinado de Josias que Yahweh se encontra só, sem sua Aserá” (RÖMER, 2016, p. 168).

Na Bíblia Hebraica, Asherah aparece em quarenta passagens. Ela aparece no singular como “poste” (Asherah); no plural como “postes” (Asherot). No plural, ela também aparece na forma do masculino (Asherim). Porém, nessa forma ela perde seu sentido original de Deusa Asherah, pois passa por um processo de masculinização (CORDEIRO, 2011, p. 44).

Há textos bíblicos também que demonstram as relações entre o poder masculino e o silenciamento da divindade Asherah, entre eles, quando o rei Asa “chegou a retirar de sua mãe Maaca, a dignidade de rainha-mãe, porque ela fizera um ídolo para Aserá; Asa quebrou o ídolo e queimou-o no vale do Cedron” (1Rs 15,13; cf. 2Cr 15,16). Neste sentido, outro texto interessante é afirmação de que as mulheres de Salomão prestavam culto a Asherah (Aserá, Deusa da fertilidade, Deusa Árvore, também chamada na Bíblia de poste-ídolo) e a outros deuses e são responsabilizadas por perverterem o coração do sábio rei, segundo tradição bíblica (1 Reis 11.2-5). Outra passagem é 1Rs 18,19 que exige a fidelidade ao Deus único, “pois bem, manda que se reúna junto de mim no monte Carmelo, todo o Israel com os quatrocentos e cinquenta profetas de Baal e os quatrocentos profetas de Aserá, que comem à mesa de Jerusalém”.

Em Dt 12,3, tem-se a destruição do símbolo de Asherah com o objetivo de que seu nome desapareça, e a proibição em Dt 16,21-22: “Não estabelecerás poste ídolo, plantando qualquer árvore junto ao altar do Senhor, teu Deus, que fizeres para ti. Nem levantarás coluna, a qual o Senhor teu Deus, odeia.” Asherah é identificada com uma árvore junto ao altar, transparecendo o caráter cultural, simbolizada junto com Iahweh. Anete Roese (2010), afirma que

reminiscências da Deusa árvore, Asherah, podem ser encontradas nos textos sagrados nas referências ao poste-ídolo, em Gênesis, primeiro dos livros sagrados, na referência à Árvore da Vida, no uso das palmas que resiste até hoje nas igrejas cristãs e é citado

no contexto da entrada de Jesus em Jerusalém (Evangelho de João 12.13), na menorá – uma tamareira estilizada que é o candelabro de sete braços e, na árvore de Natal, o pinheiro de Natal que a maioria de nós coloca dentro de casa a cada ano, enfeitada com lindas bolas (ROESE, 2010, p. 180).

O culto à Deusa Asherah aponta para a ligação histórica dos diferentes grupos humanos com a natureza. As árvores têm uma forte simbologia de relação com a terra, enraizar, gerar, entregar, dar o seu fruto, dar de comer, proteção, cuidado, generosidade. Nas celebrações à Deusa Árvore há uma relação com a sexualidade, fecundidade, geração e manutenção da vida. A seguir, aponta-se para alguns achados arqueológicos da Deusa.

### **3. Achados Arqueológicos de Asherah**

Em 1934, o arqueólogo britânico James L. Starkey encontrou um jarro em Láquis. Esse jarro estava decorado e possuía inscrições raras do alfabeto semítico. Na decoração, havia uma árvore flanqueada por duas cabras com longos chifres voltados para trás. O jarro foi reconstruído e traduzida a seguinte frase: “Mattan. Um oferecimento para minha senhora ‘Elat’”. “Não se sabe quem é Mattan, mas está claro que ele faz uma oferenda para 'Elat, que é o feminino para El, chefe do panteão cananeu no II milênio antes da era Cristã, equivalente ao pré-bíblico Asherah” (CORDEIRO, 2007. p. 8).

Outros achados arqueológicos foram os pingentes ugaríticos que “retratavam uma Deusa, provavelmente, Atirat/Elat. A figura humana estilizada nestes pingentes contém o rosto, os seios e a região púbica e uma pequena árvore estilizada gravada acima do triângulo púbico” (CORDEIRO, 2011, p. 37). Asherah, então, era simbolizada também por uma árvore. Outra descoberta arqueológica foi no deserto do Neguebe, ao sul de Jerusalém. Segundo Cordeiro (2011) pesquisas arqueológicas apontam para uma adoração conjunto de Javé e Asherah.

No templo de Arad, arqueólogos encontraram fortes evidências de um lugar de culto onde Javé e Asherah podem ter sido

adorados. No santuário interno foram encontrados dois altares diante de um par de pedras verticais, que possivelmente indicavam o culto a Javé e Asherah (CORDEIRO, 2011, p. 37).

Cordeiro também afirma que arqueóloga inglesa Kathleen Kenyon, em 1960, “descobriu centenas de estatuetas femininas quebradas em uma caverna perto do templo de Salomão em Jerusalém” (CORDEIRO, 2011, p. 37). Em Khirbet el-Qom, a oeste de Hebrom em 1967, foi descoberto um túmulo judaico da segunda metade do século VIII a.C., com uma inscrição na parede interior. José Severino Croatto (2001), traduz a inscrição assim:

1. Uriyahu [...] sua inscrição
2. Abençoado seja Uriyahu por Javé (Iyhwh)
3. Sua luz por Aserá, a que mantém sua mão sobre ele
4. Por sua rpy, que [...]. (CROATTO, 2001, p. 36).

Para Angélica Thomaz (2018) aponta que

nessa inscrição pode-se notar a colocação de Asherah como Deusa e sua associação com Javé. E também a função de Asherah como Deusa protetora, já que pode-se considerar essas inscrições como uma bênção apotropaica” (THOMAZ, 2018, p. 67).

Portanto é possível verificar tanto nos escritos bíblicos, como nos achados arqueológicos a existência da Deusa Asherah. Ela também tinha o seu lugar ao lado de Yahweh. Neste sentido, Monika Ottermann afirma a existência deste casal comprovada em

vários registros da cultura material de Israel e Judá que se estendem até o início do tempo pós-exílico. Os mais famosos e evidentes, além de selo e amuletos, são as inscrições do século 7 de Kuntillet Adjrud e Khirbet el-Qom que falam de “YHWH e sua Aserá” (OTTERMANN, 2006, p. 278).

Isto significa, portanto, que ambas divindades tinham a mesma importância. Segundo Jeremy Smoak e William Schniedewind (2019), as inscrições de Kuntillet 'Ajrud formam o que talvez seja o dado textual mais significativo fora da literatura bíblica para entender a religião do reino do norte de Israel durante o início da era do ferro. Os autores citados argumentam que conhecimento dos nomes divinos, bênçãos religiosas e hinos poéticos sobre os

deuses não apenas desempenhavam papel fundamental na vida cotidiana do antigo Israel, como também eram parte crucial do currículo e da prática dos escribas. Isto não significa, no entanto, para os autores citados que o sítio tenha sido um lugar religioso. Era religioso enquanto lugar de prática de estudos dos escribas. As inscrições encontradas no sítio fornecem insights sobre o panteão israelita, teofanias, batalhas divinas no início da formação religiosa de Israel. (SMOAK; SCHNIEDEWIND, 2019, p. 1-18).

Römer (2016), portanto, reflete sobre as inscrições de três Pithoi (inscrições e desenhos) encontrados no sítio arqueológico Kuntillet 'Ajrud, que fazem referência a "Yahweh e a sua Asherah" ((SMOAK; SCHNIEDEWIND, 2019, p. 1), mostrando uma estreita relação entre ambas divindades.

Pithos A1

1. Dit'[...] (nome próprio 1) [...]: "Diz a Yehalle' [I?]" (nome próprio 2),

Yosa (nome próprio 3) e [...] (nome próprio 4): Eu vos abenço (ou: eu vos tenho abençoado)

2. Por Yhwh de Samaria (*smrn*) e sua Aserá.

Pithos B 2

1-2. Amaryahu diz:

3. "Diga a meu Senhor:

4. "Vais bem?"

5-8 Eu te abençoo (eu o abençoei) por Yhwh de Témân (*[h] tmn*)<sup>11</sup> e por sua Aserá. Que ele (quer dizer Yhwh) (te) abençoe e te guarde

9 E que ele esteja com o meu Senhor"

Pithos B 3

[Eu te abençoo (eu te abençoei) por Yhwh de Temã e por /sua Aserá

Tudo o que ele pedir a qualquer um, que ele (quer dizer Yhwh) o conceda

[...] e Yhwh lhe dê segundo seu desígnio [...]. (RÖMER, 2016, p. 159-160).

As três inscrições apresentam saudações e bênçãos de Yahweh e Asherah, atestando a importância da Deusa. Neste sentido Finkelstein e Silberman apontam para a relação de Asherah com a fertilidade da terra.

"veneração de Asherah exprimia-se em rituais para a fertilidade da terra, e as bênçãos dos antepassados davam esperança ao povo, para o bem-estar de suas famílias, e santificavam a posse

do campo e das terras” (FINKELSTEIN; SILBERMAN, 2003, p. 326).

Parece claro que, por determinado tempo, essa Deusa teve mais espaço e representatividade na vida do povo em Canaã/ Israel, até ser taxada como a causa de todos os males que o povo estava sofrendo nas mãos de seus dominadores (CORDEIRO, 2007, p. 11). Ribeiro (2015), diz que o culto à Deusa Asherah estava caracterizado “pela dimensão agrária, pela fertilidade, pelo universo feminino. Talvez Asherah fosse mesmo considerada mais do que mãe (cf. Os 2,4), até mesmo “criadora” (cf. Ez 8,3)” (RIBEIRO, 2015, p. 249).

#### **4. Teologia Feminista: recuperando a Deusa Asherah**

Desde a década de 1960, mulheres teólogas, influenciadas pelo movimento feminista começaram a perceber de forma clara as relações entre a construção histórica masculina de Deus, todo-poderoso e a dominação patriarcal violenta a qual as mulheres estão submetidas no cotidiano (GEBARA, 2007, p. 15). A linguagem e as metáforas sobre Deus nas culturas e religiões monoteístas são prioritariamente masculinas, “como pai, senhor, poderoso, aquele que provê, senhor dos exércitos, poderoso nas batalhas” (ULRICH, 2019, p. 108-113). Estas representações fortalecem as relações de poder, hierárquicas e de violência, onde o masculino sente-se autorizado a submeter o feminino.

Angélica Tostes Thomaz (2018), destaca que, com a instauração do monoteísmo Javé foi transformado em um “Deus assexuado, sem relações familiares, ausente de corporeidade” (THOMAZ, 2018, p. 70). Pensar Deus a partir de representações femininas é visto com muita desconfiança, não somente nas instituições religiosas como nas instituições de Teologia e ou das Ciências das Religiões. As bases filosóficas e religiosas foram construídas a partir do masculino e agora resistem às transformações tão necessárias.

O Deus único “Javé incorpora Asherah em alguns aspectos, mas toda simbologia do sagrado é masculina, devido ao contexto patriarcal dominante”



(THOMAZ, 2018, p. 72). No entanto, na medida que Iahweh incorpora aspectos simbólicos femininos de Ashreah, ela vai sendo silenciada e esquecida. Em lugar das trocas cósmicas fertilizadoras da vida, expressas em profusões de relações entre Deuses e Deusas, estabelece-se uma divindade única que governa a partir da Lei e do Evangelho. De acordo com Cordeiro (2011),

o simbólico divino imaginado exclusivamente como masculino desempoderou as mulheres, suprimiu o imaginário feminino da divindade e negativizou as representações e práticas sagradas das mulheres bem como as próprias mulheres ao longo da história (CORDEIRO, 2011, p. 66).

As teólogas feministas buscam trazer “conceitos que foram roubados da própria vida cotidiana e utilizados para manter hierarquias e poderes sobre todas nós. Conscientes das imensas dificuldades está-se apostando de novo em nós” (GEBARA, 2007, p. 40-41). Por isso, é extremamente importante trazer a memória, tirando do silêncio, a Deusa Asherah, principalmente para dar espaço e voz às divindades femininas, que são uma possibilidade de identificação sagrada das mulheres, em busca de relações mais recíprocas e humanizadas nas relações de gêneros (CORDEIRO, 2007, p. 12). Trazer à memória Asherah, a força dessa Deusa criadora é falar de um “processo de conscientização das mulheres enquanto mulheres; que valorizem seus corpos, seus sentimentos, suas visões de mundo e sua inteligência” (CORDEIRO, 2011, p. 65).

Urge acentuar a humanidade divina de todas as mulheres, bem como valorizar as experiências cúlticas às divindades mulheres<sup>10</sup> para assim superar hierarquias patriarcais e machistas tão presentes nos cotidianos, instituições e tradições religiosas. É necessário ouvir os muitos “gritos uterinos” (ULRICH, LA PAZ, STRÖHER, 2020, p. 566), que clamam e lutam contra a violência, a fome, a pandemia e a morte que se somam com os gritos das árvores, das águas, da terra.

Também a memória da Asherah, Deusa-árvore, é fundamental para uma nova relação com natureza. É necessário e urgente o reencontro com as múltiplas

---

<sup>10</sup> Lembro que no Brasil, o culto a divindade Iemanjá é muito forte. Da mesma forma, a veneração à Maria é fundamental para a luta das mulheres na América Latina.

dimensões da espiritualidade das mulheres e o cuidado sensível e amoroso com toda a natureza. “A teologia feminista abriu espaço para a recuperação da religião das mulheres e da história religiosa das mulheres” (GEBARA, 2017, p. 125), apontando para a importância da experiência da maioria da população no mundo, isto é, das mulheres.

Sem dúvida, o rompimento com uma espiritualidade hierárquica, masculina e excludente é um desafio. A construção de uma sociedade mais igualitária está intimamente ligada com a ruptura de uma religiosidade e espiritualidade, que exclui os corpos, a sexualidade, a luta por comida, a experiência de vida das mulheres, a diversidade e o cuidado da terra, das árvores, das águas e de toda a criação.

### **Considerações Finais**

Concluindo, afirma-se a importância de pesquisar e refletir sobre a Deusa Asherah e o seu silenciamento na história cáltica no antigo Israel, a partir do processo de monolatrização, invenção de um Deus único. A construção do monoteísmo significou o fortalecimento do patriarcado não somente religioso como também social, econômico, cultural. O monoteísmo gerou intolerâncias e violências. As teólogas feministas apontam que no desenvolvimento histórico da mudança de um sistema de produção/trabalho e de vida para outro, a Deusa foi perdendo o seu poder, sendo silenciada. Ela foi sendo substituída por um Deus masculino, chamado de Yahweh. Importante, acentuar que o processo de construção do monoteísmo, silenciou e apagou muitas divindades com características femininas e masculinas.

Como se percebe na pesquisa realizada, a Deusa Asherah é mencionada em textos do Antigo Testamento, como também foi encontrada em pesquisas arqueológicas. O seu culto estava ligado à fertilidade, à eroticidade, ao mundo agrário/agricultura e, principalmente, às mulheres. Ela foi uma divindade importante no imaginário israelita. Ela fez parte do panteão cananeu e,

posteriormente, foi adorada como consorte de Iahweh e alguns elementos femininos foram transferidos para este Deus. Com a implantação do monoteísmo javista, a Deusa Asherah foi demonizada, excluída e silenciada das práticas e da vida religiosa do povo de Israel.

Asherah foi adorada como Deusa-árvore, apontando para a importância da relação com a natureza e da importância do enraizamento. Neste sentido, lembra-se que ainda hoje existem resquícios importantes desta relação da dimensão cültica das árvores, na tradição judaico-cristã, como por exemplo: na tradição judaica a menorá – uma tamareira de sete braços, no cristianismo Jesus é a videira verdadeira, é aclamado como rei com ramos de palmeiras. Na tradição da celebração do Natal, a árvore ocupa um lugar central. Na Bíblia, há várias passagens que se referem à Árvore da Vida, por exemplo Gn 2.9, Pv 11.30, Ap 2.7.

Há muito a ser recuperado sobre a importância das Deusas, especialmente da Deusa Asherah e o processo do seu silenciamento e a construção histórica do monoteísmo e o patriarcado religioso. A teologia feminista, na esteira do movimento feminista, a partir dos anos 60, busca recuperar a história das mulheres e, também, das Deusas, das representações femininas do sagrado. É necessário revisitar a história das religiões, apontando para a importância da Asherah nos rituais e nas celebrações cülticas e religiosas. A herança do monoteísmo é muito conflitiva para as mulheres, pois tem fortalecido a violência e a submissão delas. Recuperar a Deusa Asherah, tirando-a do esquecimento e do silenciamento é reconhecer a sua importância na formação e organização cültica do povo de Israel, que em sua origem é marcada pela pluralidade de Deuses e Deusas. Releituras e transformações do paradigma da tradição judaico-cristão, baseado no monoteísmo masculino, patriarcal, hierárquico e violento são urgentes e necessárias.

A memória e a retirada do silenciamento da tradição da Deusa Asherah aponta para a construção de novas relações baseadas no respeito à diversidade

cultural e religiosa, rompendo com o patriarcado que se fortalece no culto a um Deus único, masculino, todo-poderoso, violento distante do cotidiano de vida e da luta das mulheres. A recuperação da Deusa sinaliza para a importância de nomear e valorizar as experiências de luta que passam pelos corpos das mulheres, superando o silenciamento em relação às violências e às desigualdades de gênero tão presentes na base da sociedade e das tradições religiosas. Neste sentido, a Teologia Feminista convoca à vivência de uma espiritualidade, reorganizando as relações de gênero, aprendendo a valorizar a boniteza da diversidade cultural e religiosa, da presença divina em suas múltiplas formas, na construção cotidiana de uma nova história e de novas relações de cuidado com a natureza.

## **Referências**

- ALBERTZ, Rainer. *Historia de la religión de israel em tiempos del antiguo testamento: de los comienzos hasta el final de la monarquía*. v. 1. Madrid: Trotta, 1999.
- BASTIDE, Roger. *O sagrado selvagem e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- BÍBLIA. Português. Bíblia de Jerusalém. Nova ed. revista e ampliada. Tradução em língua portuguesa diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002.
- CORDEIRO, Ana Luisa Alves. *Asherah: a deusa proibida*. *Revista Aulas*. Campinas, n. 4, p. 1-22, 2007. Disponível em: [https://www.unicamp.br/~aulas/Conjunto%20I/4\\_1.pdf](https://www.unicamp.br/~aulas/Conjunto%20I/4_1.pdf). Acesso em: 30 mar. 2021.
- CORDEIRO, Ana Luisa Alves. *Onde estão as deusas? Asherah, a Deusa proibida, nas linhas e entrelinhas da Bíblia*. São Leopoldo: Cebi, 2011.
- CROATTO, Severino. A deusa Aserá no antigo Israel. A contribuição epigráfica da arqueologia. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, Petrópolis, v. 38, p. 32-44, 2002.
- FINKELSTEIN, Israel; SILBERMAN, Neil Ascher. *A bíblia não tinha razão*. São Paulo: A Girafa, 2003.
- GEBARA, Ivone. *O que é teologia feminista*. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- GEBARA, Ivone. *Mulheres, religião e poder: ensaios feministas*. São Paulo: Terceira Via, 2017.
- LIVERANI, Mário. *Para além da Bíblia: História Antiga de Israel*. São Paulo: Loyola/Paulus, 2008.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Trad. Bernardo Leitão. 5. ed. Campinas: Unicamp, 2003.

- OTTERMANN, Monika. Vida e prazer em abundância: a deusa árvore. *Mandrágora*. São Paulo, ano XI, n, 11, p. 40-56, 2005.
- OTTERMANN, Monika. *As brigas divinas de Inana - reconstrução feminista de repressão e resistência em torno de uma Deusa suméria*. São Bernardo do Campo: Faculdade Metodista, 2007.
- OTTERMANN, Monika. “Eu sou tua Anat e tua Aserá...” YHWH e Aserá (não só) no Livro de Oséias. In: DREHER, Carlos A. et al. *Profecia e Esperança: Um tributo a Milton Schwantes*. São Leopoldo: Oikos, 2006. p. 273-282.
- REIMER, Haroldo. *Inefável e sem forma: estudos sobre monoteísmo hebraico*. São Leopoldo: Oikos, 2009.
- REIMER, Haroldo. Monoteísmo e Identidade. *Protestantismo em Revista*. São Leopoldo, v. 16, p. 66-79, 2008. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/nepp/article/view/2054/1966>. Acesso em: 30 mar. 2021.
- RIBEIRO, Osvaldo Luiz. As mulheres do efa: epílogo da interdição da deusa e do feminino na judá pós-exílica. *Pistis Praxis*, Curitiba, v. 7, n. 1, p. 227-253, 2015. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/pistispraxis/article/view/13010>. Acesso em: 30 mar. 2021.
- RÖMER, Thomas. *A origem de Javé: o Deus de Israel e seu nome*. São Paulo: Paulus, 2016.
- RUETHER, Rosemary R. *Sexismo e religião: rumo a uma teologia feminista*. Trad. Walter Altmann; Luís Marcos Sander. São Leopoldo: Sinodal, 1993.
- ROESE, Anete. O silenciamento das deusas na tradição interpretativa cristã: uma hermenêutica feminista. *Aletria: Revista de Estudos de Literatura*, v. 20, n. 3, p. 177-191, dez. 2010. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/1557>. Acesso em: 17 mar. 2021.
- SMOAK, Jeremy; SCHNIEDEWIND, William. Religion at Kuntillet ‘Ajrud. *Religions*, Basel, v. 10, n. 3, p. 1-18, 2019. Disponível em: <https://www.mdpi.com/2077-1444/10/3/211>. Acesso em: 30 jul. 2021.
- SCHROER, Silvia. A caminho para uma reconstrução feminista da história de Israel. In: SCHOTTROFF, Luise; SCHROER, Silvia; WACKER, Marie-Theres. *Exegese feminista: resultados de pesquisas bíblicas a partir da perspectiva de mulheres*. Trad. Monika Ottermann. São Leopoldo: Sinodal/EST; São Paulo: ASTE, 2008.
- THOMAZ, Angélica Tostes. Asherah, a Ausência Erótica de Deus. *Mandrágora*. São Paulo, v. 24. n. 1, p. 59-76, 2018. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/MA/article/view/8764>. Acesso em: 30 mar. 2021.
- ULRICH, Claudete Beise. Teologia feminista da libertação e queer: uma contribuição para as resistências às existências. In: PEDRO, Joana Maria; ZANDONÁ, Jair (Orgs.). *Feminismos e democracia*. 2. ed. (Ebook). Belo Horizonte: Fino Traço, 2019. p. 107-122.

ULRICH, Claudete Beise; STRÖHER, Marga Janete; LA PAZ, Nívia Ivette Núñez de. Mulheres em tempos de Pandemia: a cotidianidade, a economia do cuidado e o grito uterino! *Estudos Teológicos*, São Leopoldo v. 60, n. 2, p. 554-572, 2020. Disponível em: [http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos\\_teologicos/article/view/4101](http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/4101). Acesso em: 30 mar. 2021.

Recebido em 04-05-2021.  
Aprovado em 17-08-2021.